

Cid Carvalho  
Jornalista e Jurista

# O ocaso do estandarte radiofônico: por trás do mito do guerreiro, um poeta reminiscendente

**Equipe de Produção:**

André Bloc  
Arilo Assunção  
Artur Mota

**Texto de abertura:**

André Bloc

**Participação:**

Ana Carolina Nogueira  
André Bloc  
Arilo Assunção  
Artur Mota  
Raquel Dantas  
Samaísa dos Anjos  
Waldenia Marcia

**Fotografia:**

Thais Martins

A voz próxima no rádio atinge os ouvidos da sociedade cearense. Ressoa no imaginário de milhares de ouvintes ávidos da Cidade AM 860, diariamente, ao meio dia. Sol a pino, a voz firme do comandante do *Antenas e Rotativas* nos guia num mundo diferenciado em comentários e opiniões jornalísticas. Diferenciado como seu líder. Diferenciado como Cid Sabóia de Carvalho.

— Aaaaah, lembrei, Cid Carvalho é aquele do “Doa a quem doer”, não é? — Sim, Cid Carvalho é o homem por trás de um dos bordões mais famosos das frequências de alto alcance nas terras alencarinhas. — Mas espera... Cid Carvalho não era aquele senador dos tempos de Constituinte? — Mas é claro. Cid não só foi da Assembléia Nacional Constituinte, como foi presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, apresentando um vigor parlamentar único. — Não havia um advogado e um poeta com esse nome? — Pois é. Multifacetado podia ser uma limitação, em Cid é uma ampliação de excelência.

Excelente foi seu trabalho jornalístico: lutas em jornais, rádios e televisões. Excepcional foi sua atuação parlamentar: o urso da defesa da honra, o pontífice do Direito. Extraordinária foi o cumprimento de sua função social nos trâmites do Direito: prendendo assassinos e defendendo vítimas – tanto aquelas que escolheu, como aquelas que beneficiou com a criação da Defensoria Pública. Excelso professor: formou um rol de jornalistas, advogados e desembargadores, que marcam o território nacional depois da base bem apreendida. Exaltado por seus pares e em seu humor – capaz de fazer presidentes se curvarem e cuspir fúria enrubescida de honra maculada.

Homem forte e combativo, Cid tem marcas das ironias da vida em seu rosto. Parte do seu estado esqueceu a atuação do homem, porque os atos polêmicos do Senado de hoje repercutem bem mais na imprensa do que os dos homens que criaram a Constituição de 1988.

Curiosa constatação para um político-jornalista. Defensor do Judiciário nacional, por vezes não conteve a própria ira – agindo à revelia, guiado pelos instintos primitivos. Mesmo que sempre em defesa do que há mais caro para um homem como Cid Carvalho – a honra de um homem, a honra de sua família.

Homem da cidade, filho de um homem da terra, Cid Carvalho domina o seu redor com uma lucidez expressa nos mínimos detalhes. A candura do poeta, o pragmatismo do jurista, o esclarecimento do jornalista, a oratória do político. Se “filho de peixe, peixinho é”, quem vem de um homem como Jáder de Carvalho – um verdadeiro tubarão branco, com nariz apontado à Ética e que contemplou mais de sete mares de conhecimento – é, no mínimo, a mais soberba harpia que há nos céus. Ambos livres e cheios de vivacidade. Com liberdade para explorar o mesmo mundo, de uma perspectiva bem diferente.

Cid impõe respeito a quem o vê – impressiona, quase intimida. A história de combates do homem intimida ainda mais. Porém é na sensibilidade que se faz o humano. Pai carinhoso e presente, marido atento, amigo leal – um ombro sempre estendido e um “seja bem-vindo” estampado no rosto. Por trás do vasto bigode e das grossas sobranceiras, há candura. Há poesia.

Os anos passam, pessoas vão, mas os atos ficam. Aquela voz no rádio ainda ecoa forte no ouvido e na alma. Ainda tem força, ainda toca. No entanto, o tempo é um adversário implacável. A visão, que nunca foi boa, demanda uma lupa para o prazer maior da leitura. A mão – que segurou martelos, revólveres e documentos – perdeu a firmeza e mostra uma fragilidade nunca antes vislumbrada. Mas a voz é o que fica. Muito mais que palavras – sentenças. A quem está em casa, no conforto do sofá escutando seu radinho, resta apenas se confrontar com a realidade que Cid impõe: somos muito mais que ouvintes, somos aprendizes.



**Entrevista com Cid Sabóia de Carvalho. Dia 16 de junho de 2009.**

**Artur** – Cid, muito se fala de seu pai, Jáder de Carvalho, o jornalista, poeta, professor, político, homem virtuoso, combativo, íntegro e honrado; mas pouco se fala sobre sua mãe. No entanto, nos depoimentos que a gente recolheu, ela é apontada como uma grande influência sobre a sua pessoa. Para o senhor, quais eram as maiores virtudes de dona Margarida Sabóia de Carvalho?

**Cid** – Minha mãe tinha virtudes intelectuais e virtudes de mãe. Eu me emociono quando... (*Com olhos mareados, Cid Carvalho faz uma pausa na sua fala*) Eu me emociono quando eu falo na minha mãe porque era uma pessoa muito boa. Uma pessoa extraordinariamente boa. Agora, intelectualmente, ela era filha de um homem que teve muito destaque no início do século passado e no final do século XIX. Era o Eduardo Sabóia (*nascido em Fortaleza e viveu entre 1876-1918. Foi jornalista e contista*), que tinha grande influência sobre ela. O Eduardo Sabóia era da Padaria Espiritual (*Movimento intelectual criado no Ceará e que durou de 1892 a 1898. Produzia um jornal dominical chamado "O Pão" que contou com a colaboração de grandes escritores cearenses*), e foi jornalista aqui (*no Ceará*), na Bahia e no Rio de Janeiro. Ele era de uma era de ouro do jornalismo nacional e morreu como deputado federal muito novo – 47, 48 anos de idade –, e minha mãe amargou uma orfandade, mas guardou dele uma grande influência intelectual, inclusive a leitura da biblioteca que ele deixou. Então (*e/le*) era um homem muito intelectualizado e minha mãe era profunda conhecedora da Língua Portuguesa. Ela era professora, preparava a juventude para o exame de admissão (*exame feito na transição do antigo primário para o antigo ginásio, constando de provas de Matemática, Português, História, Geografia e Ciências*), que era difícilíssimo. Quando eu era menino, era mais difícil passar no exame de admissão do que no vestibular para ingressar numa faculdade. Ela foi professora, preparando (*os alunos*) em todas as matérias para o exame de admissão e era um grande sucesso na sua arte.

Ela se iniciou no jornalismo juntamente comigo; porque eu comecei em 1947, quando o *Diário do Povo* foi fundado (*pelo pai dele*), com doze anos de idade, e ela, que era uma dona de casa, uma mulher casada, uma professora, passou a escrever no jornal e ficou famosa a seu tempo pelas crônicas e pelos contos. Ela teve uma influência muito grande sobre meu pai, uma influência intelectual, notadamente nessa área da Língua Portuguesa, ela era extraordinária no conhecimento da língua e era comum ele estar escrevendo, ter dúvidas e perguntar a ela.

**Artur** – Essa influência que o senhor fala que a dona Margarida teve sobre o Jáder de Carvalho,

seu pai, reflete um pouco da presença dela para a pessoa que o Jáder se tornou?

**Cid** – Olha, ela era uma mulher extraordinariamente perigosa, ou, extraordinariamente – vamos dizer assim – forte. Ela era perigosa para os inimigos do meu pai, porque ele lutava contra a ditadura (*refere-se à ditadura de Getúlio Vargas, 1937-1945*), era preso, era – muitas vezes – baleado, agredido à bala... (*tinha*) comício dissolvido pela polícia e condenado a vinte e cinco anos de prisão como ele foi e ela não fraquejava nunca. Nem quando ele foi preso, condenado a vinte e cinco anos, ela fraquejou. Ela era muito forte! Eu me lembro de uma vez – em 1959, mais ou menos – ele foi agredido à faca, à bala, na esquina da nossa casa – na rua Agapito Santos com Guilherme Rocha – e quando ele chegou em casa ensangüentado a coragem dela foi fenomenal (*emociona-se mais uma vez*). Ninguém se esquece! Em nenhum momento ela fraquejou, prisão nenhuma (*sofrida por Jáder*). Na década de 30, ele era preso constantemente – porque qualquer coisa, qualquer movimento anormal, ele era preso, ameaçado, mas não parava. Fazia comício e participava de movimentos rebeldes e ele tinha a segurança dela. O apoio maior que ele tinha era da sabedoria dela. Ela era sábia – minha mãe era altamente sábia e prudente. Ele tinha aquele apoio e ao mesmo tempo a prudência – a prudência nas menores coisas, como ele não ficar diante de uma porta, que podiam atirar da rua.

**Arilo** – Cid, o senhor Jáder também é tido como uma pessoa de muita importância para o senhor e tinha um pouco dessa personalidade combativa...

**Cid** – ...Tinha!

**Arilo** – Forte. Como era o relacionamento do senhor com o seu pai? Ele era muito presente na vida do senhor?

**Cid** – Era, era! Era muito presente. Eu comecei (*a fazer jornalismo*) no *Diário do Povo* – porque o *Diário do Povo* era um jornal curioso, a equipe inicial era de alunos do Liceu (*Colégio Estadual Liceu do Ceará, o mais prestigiado estabelecimento de ensino do Ceará, à época. Fundado em 1845*). Meu pai – o professor do Liceu, professor de Sociologia – formou o *Diário do Povo*, que era feito no Estado (*do Ceará*). (*Jáder*) atraiu os filhos como o meu irmão, Jáder Filho, que viria a morrer em 49, Eduardo (*outro irmão*), que era gerente do jornal e minha mãe, que começou como revisora do jornal.

Agora, meu pai era muito presente. Notadamente na crítica. Se a gente publicava uma poesia, um artigo, uma crônica, (*se*) a gente fazia uma matéria, ele estava ali criticando. Ele era muito crítico, ele não punha a mão em cima (*da cabeça da pessoa com condescendência*). Ele era exigente e, se errasse o Português, seria um problema maior

Um dos depoimentos colhidos foi do advogado e jornalista Olavo de Sampaio, que trabalhou com Cid no 'Diário do Povo'.

Olavo é avô de Amanda Sampaio, que participou do colhimento do depoimento e figura entre os produtores de Entrevista 22.

Na volta do depoimento de Olavo de Sampaio, André pegou um ônibus que saiu sem trocar. O motorista parou quarteirões depois e teve de esperar.

ainda. Ele batia muito na nossa formação – de toda a família –, ele batia muito no conhecimento da língua. Ele ouvia o rádio, fazia críticas, tinha coisa que ele não concordava, coisa que ele concordava. Ele me apoiou também nas refregas políticas, ficando de fora no Senado (*na candidatura para o Senado*) porque ele morreu um pouco antes.

**Ana Carolina** – Cid, o seu pai foi poeta, advogado, jornalista, professor e o senhor também. Até que ponto ele teve influência nas suas escolhas?

**Cid** – Olha, eu não sei se essa influência é consciente ou é inconsciente. Os críticos literários dizem que a minha poesia é uma continuação da dele com outros temas – com uma poesia mais urbana, a dele (*sendo*) mais sertaneja, mais telúrica. Dizem isso. Agora, eu não sei precisar se essa influência eu a recebi conscientemente ou inconscientemente. Que há influência dele, eu não tenho a menor dúvida.

**Arilo** – Na carreira do senhor como poeta, como um literato, o senhor sentia algum tipo de desconforto pelo fato de ser o filho do Jäder de Carvalho – o grande poeta –, ou isso era mais um estímulo para o senhor produzir a sua poesia?

**Cid** – Não, eu sou de uma juventude muito poética e muito buliçosa que buscava se organizar. Eu era menino, já publicando poesias e escrevendo contos, crônicas... Era rapazola, quando se fundou a Academia Centrista de Letras – o Centro Estudantil Cearense formou uma Academia de Letras. Então, a minha juventude foi muito organizada em torno de movimentos literários. Nós tínhamos em 50 a Academia dos Novos e éramos nós de novo – nós alunos do Liceu, longe ainda da faculdade. Hoje ninguém se lembra da Academia dos Novos – porque existiram duas, uma na década de 30 e existiu essa outra na década de 50. Eu estou mostrando que nós éramos organizados intelectualmente. Na Academia Centrista de Letras, na Academia dos Novos, no Centro Liceal de Educação e Cultura (*também conhecido como CLEC, foi o maior e mais prestigiado grêmio estudantil do Ceará, com atuação destacada na década de 50*) que era um grêmio do Liceu e também era muito cheio de poetas, de literatos etc. E mais ainda, nós tínhamos a União da Mocidade Alencarina que era o braço político nosso, era a esquerda juvenil daquele tempo. Era (*participante*) o Pompílio Filho, que era um rapaz do Piauí; radical aqui. Era o Vasco Damasceno Weyne, que mais tarde ficaria famoso como Procurador do Estado. Era Bení Veras, que foi governador (*e senador*) do Estado. Nós éramos contra qualquer tipo de ditadura, qualquer tipo de governo forte, nós éramos

**“Ah, mas a nossa educação - a minha educação, da minha família - foi toda em guerra, toda em luta. Nós éramos de uma família polêmica, né?”**

Depois da entrevista, Waldênia teve de voltar à casa de Cid para buscar os óculos, já que os esqueceu lá.

pelas liberdades, a luta que eu teria mais tarde na Assembléia Nacional Constituinte (*bancada de deputados e senadores instalada em 1987, responsável pela redação e promulgação da Constituição brasileira de 1988*).

**André** – Mas Cid, nesse contexto de luta contra a autoridade, contra governos, o *Diário do Povo* entrou muito forte. Como era alguém tão novo quanto o senhor quando entrou lá estar num meio tão tenso?

**Cid** – Ah, mas a nossa educação – a minha educação, da minha família – foi toda em guerra, toda em luta. Nós éramos nascidos em uma família polêmica, né? Por causa da luta do meu pai. Meu pai era uma pessoa de vanguarda, ele era anti-nazista doentivamente. Como eu falei, foi condenado a vinte e cinco anos de reclusão porque fez um discurso para que o Brasil entrasse na guerra (*Segunda Guerra Mundial – 1939-1945*) pelos aliados e não pelos nazistas. (*A perseguição se dava*) porque o Brasil intelectual era nazista e nós éramos contra esse estado de coisas. No Liceu, a minha luta foi terrível. Foi terrível porque os professores da época tinham uma tendência muito à direita. Então nós – alunos de esquerda – sofremos muito com reprovações, com expulsão de sala de aula e tudo. Quando o *Diário do Povo* foi fundado foi fazendo a oposição – ele sempre fez oposição. Ele só não fez oposição ao Paulo Sarasate (*Paulo Sarasate Ferreira Lopes. Nascido em Fortaleza, fez carreira política no Ceará, elegendo-se deputado estadual, senador e governador do Estado entre os anos de 1955-1958*), porque era um homem de muita identificação democrática e não tinha como fazer oposição a ele.

**Samaisa** – Cid, como foi para o senhor ainda menino – com 13 anos ou menos –, ter ali o *Diário do Povo*, que era o jornal do seu pai, então sua família tava muito presente... Como (*foi*) o início, uma experiência realmente de escrever, uma experiência de jornal mesmo, com nomes importantes aqui do Ceará?

**Cid** – O *Diário do Povo* era de estudantes, então tinha todo aquele clima de inquietação estudantil, de escrever. Eu tinha muita preocupação de escrever contra o Assis Chateaubriand (*Jornalista e empresário paraibano. Entre o final dos anos 1930 e começo de 60, dominou o setor de comunicações nacional, como dono dos Diários Associados, conglomerado que contou com jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agências telegráficas. Falecido em 1968*), por exemplo. Eu tinha muita necessidade de escrever contra revista em quadrinho porque eu achava que aquilo tirava a intelectualidade de quem fosse ler. Se fossem ler aquelas coisas iam terminar sem aprender a língua. Eu defendia que se lesse Jorge Amado, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos (*escritores brasileiros renomados*)...

**Artur** – Você teve contato com esses autores muito cedo, não é?

**Cid** – Muito cedo! Posso dizer a vocês que conheço a Literatura Brasileira como... Não é normal! Eu sempre fui admirador do Monteiro Lobato (*escritor brasileiro precursor da literatura infantil no país. Conhecido pela luta nacionalista pelo petróleo. Falecido em 1948*). Ele atacava em dois vieses: ele era o escritor da maturidade, abordando problemas econômicos – do petróleo, as Américas – e,

ao mesmo tempo, fazendo a literatura infantil. Nós éramos leitores das duas faces do Monteiro Lobato. A gente combatia as revistas em quadrinho, que era uma indústria maior do que (ela é) hoje. Eu defendia a leitura de Castro Alves, Olavo Bilac, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire (*poetas brasileiros do final do século XIX e começo do século XX*)... Era essa a luta, defender a Literatura Brasileira.

**Arilo** – Mas o *Diário do Povo* também teve muitos embates políticos, né?

**Cid** – Muitos, muitos...

**Arilo** – Vocês chegaram a sofrer algum tipo de coerção física ou algo do tipo?

**Cid** – (Era) mais ameaça. Houve muito problema de ameaça. Por exemplo, o *Diário do Povo* era obrigado a ter metralhadora – nós convivíamos com fuzil, rifle, tudo na Redação –, porque se a polícia viesse, a gente se defenderia. Era uma época muito grave porque a polícia era muito arbitrária e era política, não tinha o crime de hoje para combater. Ela combatia era a ideologia. A polícia do interventor Meneses Pimentel (*Francisco de Meneses Pimentel, nascido em Santa Quitéria, interior do Ceará. Ocupou vários cargos na política, tendo maior destaque o de governador, entre 1935-1937, e depois como interventor durante a década de 40 até 1950*) combatia mais as ideologias do que, propriamente, o crime. A violência não tinha a intensidade de hoje. Considerava-se violência pensar contra o Getúlio Vargas.

**Arilo** – O senhor considera que esse período pode ter sido mais repressor, do ponto de vista da censura, do que o próprio período da ditadura militar?

**Cid** – Olhe, aí é uma pergunta muito complicada! Porque não há comparação. A ditadura do Vargas era de prender jornalistas: o Graciliano Ramos (*renomado escritor alagoano de Quebrangulo, escreveu romances, contos e crônicas. Teve atuação de destaque também como jornalista e político. Falecido em 1953*) foi preso, intelectuais de esquerda eram presos e ficavam dentro de navios. Basta ler “Os Subterrâneos da Liberdade”, cinco volumes do Graciliano Ramos (*Na verdade quem escreveu “Os subterrâneos da Liberdade” foi o escritor baiano Jorge Amado*). Papai não deixou memórias, mas se ele deixasse memórias era uma coisa terrível de prisões.

A ditadura de 64 – vamos chamar de revolução de 64 – era puramente ideológica, puramente anti-comunista, mas fixamente contra o Partido Comunista, tá entendendo? Ela tinha uma fixação e ela combatia de vários modos. Por exemplo, ela não fazia a censura... Poucas vezes eu sofri a censura direta. Era a censura indireta. Por exemplo, se você publicasse uma coisa não conveniente, eles prendiam os jornais. Mas se a rádio desse alguma coisa, eles iam nos transmissores e tiravam a rádio do ar. Agora eles (*ditadura militar*) tinham objetivos mais específicos: muita preocupação social e muito nacionalista. O comando da revolução, aqui no Brasil inteiro, ligava para os jornalistas (*imitando outra voz*): “Olha eu estou aqui encarregado de acompanhar o seu programa, mas eu não vou. Você mesmo faça isso, tenha cuidado e tal”. Era uma coisa assim mais... Uma coerção indireta.

No tempo do DIP (*Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939, em substituição ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. Era um instrumento do governo de Getúlio Vargas usado para fazer propaganda e cultural a imagem do então presidente*) do Getúlio, a coerção era direta. Era a polícia, a Polícia Especial (*Divisão uniformizada da Polícia Civil do Rio de Janeiro quando a cidade era a Capital da República, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi criada em 1932 e concebida para enfrentar distúrbios populares*) – tinha uma polícia chamada Polícia Especial que era terrível e que torturava. Mas não há comparação dum período pro outro por causa dos métodos. A revolução de 64 era uma outra época, né? Com outros meios de comunicação, com tudo. Houve violência em 64... Há muita gente que desapareceu, há muita gente que morreu, muito corpo que foi sepultado em cemitério clandestino, houve muita tortura, mas não se compara com o tempo do Vargas não.

**Arilo** – Cid, por volta do ano de 1957 o senhor vai trabalhar na Rádio Uirapuru...

**Cid** – É verdade.

**Arilo** – Como foi que se deu essa entrada do senhor pro rádio?

**Cid** – Olhe, em 56 foram fundadas duas emissoras: a Rádio Verdes Mares, antes a Rádio Uirapuru. A Rádio Uirapuru era a terceira emissora do Estado (*do Ceará*). Primeiro foi Ceará Rádio Clube, depois Rádio Iracema, depois Uirapuru. Logo depois da (*fundação da*) Uirapuru, foi fundada a (*Rádio*) Verdes Mares. Essas duas rádios tinham pretensões de fazer jornalismo, eram rádios jornalísticas. A Uirapuru queria fazer aqui o jornalismo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro (*Emissora criada em 1936, tornou-se um marco na história do rádio brasileiro, tendo criado programas que marcaram a sociedade, como o Repórter Esso*) e contratou um cidadão do primeiro time da Rádio Nacional – que nunca mais ouvi falar, era Fernando Jaques. Esse Fernando Jaques tinha uma experiência norte-americana – no jornalismo norte-americano, no jornalismo inglês da BBC de Londres –, ele veio trazer um modelo jornalístico. A Uirapuru passou a fazer programas mais jornalísticos. Notícias mais intensos. Ela foi contratar nas redações dos jornais pessoas que tinham afinidade com o trabalho jornalístico. Então eu fui porque eu era do *Diário do Povo*.

Depois eu fui atraído pela reportagem – repórter de rua. E eu estava bem na Rádio Uirapuru quando a Verdes Mares resolveu intensificar o trabalho

“(...) o Diário do Povo era obrigado a ter metralhadora - nós convivíamos com fuzil, rifle, tudo na Redação -, porque se a polícia viesse, a gente se defenderia.”

Na sala de Cid Carvalho há um pátio com muitas gaiolas de pássaros, que interagem com outros pássaros soltos.

Durante a entrevista, em duas ocasiões, os pássaros se animaram e quase fizeram a entrevista ser interrompida.

A entrevista durou duas horas e meia e os entrevistadores não perderam quase nenhum tempo para começá-la. Cid já estava pronto para as perguntas.

dela, já contratou pessoas da Rádio Uirapuru e eu fui contratado pela Verdes Mares, para fazer a mesma coisa. Na Rádio Verdes Mares, o José Júlio Cavalcante, que era o diretor, lançou o noticiário "Rádio e Notícias Verdes Mares" e houve um teste entre locutores, repórteres – o pessoal que falava –, e eu ganhei. Fui o escolhido para titular e o *Mardônio Sampaio (já falecido)* era o meu reserva.

Cinco anos depois, eu voltei pra Rádio Uirapuru, assumi a linha jornalística da Uirapuru. (Eu) apresentava o noticiário "Antenas e Rotativas" (*programa jornalístico criado em 1956, veiculado atualmente pela Rádio Cidade*) de manhã cedo, seis e pouco da manhã, ao meio dia, às dezoito horas e às vinte e duas horas. Fiquei, então, nesse trabalho quando houve uma grande competição jornalística em torno do esporte. A Uirapuru teve necessidade de ter um comentarista que causasse impacto na opinião do desportista. Outra vez eu fui selecionado e assumi o posto de comentarista esportivo da Rádio Uirapuru. Eu trabalhava apresentando os jornais e apresentando o comentário esportivo, que era também várias vezes por dia. Tinha o noticiário esportivo tarde da noite e eu já estava lá. Tinha meio-dia e eu já estava lá. Tinha de manhã cedo, eu já estava lá também. Ficou uma vida muito difícil e muito agitada, somente no rádio. Enquanto isso, eu tinha que estudar: terminar o Liceu, entrar na Faculdade de Direito, fazer concurso... A minha vida ficou infernal!

**Artur** – E em relação ao rádio, qual o senhor acha que é o seu diferencial na maneira de fazer radiojornalismo?

**Cid** – Primeira coisa é a independência; porque nunca rádio nenhuma que eu trabalhei, nunca emissora nenhuma tentou me impor ponto de vista. Nem a revolução! Só para você ter idéia. Nem na revolução. Eles podiam ter aqueles temas que eles não queriam que ninguém falasse, mas nunca chegaram pra mim e disseram: "Você vai ter que fazer um comentário!" Nunca! Eu trabalhei na Uirapuru, na Verdes Mares, na Rádio Cidade, na Rádio Assunção, na Rádio Dragão do Mar... Nunca ninguém me pediu nada, nunca ninguém me encomendou um comentário.

**Raquel** – Cid, durante todo esse tempo que o senhor trabalhou com radiojornalismo, o senhor acha que mudou muita coisa – comparando todos esses anos?

**Cid** – O começo para hoje?

**Raquel** – Isso.

**Cid** – Totalmente! Totalmente, porque o jornalismo quando eu fui para o rádio era a razão de ser do rádio, não é? Tinha rádio que tinha novela, mas a preponderância era o jornalismo em todos os

sentidos: no noticiário geral, no noticiário político, no noticiário policial e no noticiário esportivo. Por exemplo, tinha muita importância social o cronista político – aquele cronista que ia pra Câmara Municipal, ia pra Assembléia (*Legislativa*), fazia comentários políticos, etc. Isso tanto tinha valor no jornal, como tinha valor no rádio. Mais no rádio do que no jornal. Todo político temia um comentário que não fosse muito airoso. O jornalismo era toda uma estrutura, você chegava na rádio e tinha o repórter policial – aquele que sai atrás da informação; tinha o radiorepórter, aquele que andava com uma equipe, com gravadores – que os gravadores não eram pequenos assim (*aponta para os gravadores da produção posicionados na mesa*), eram grandes gravadores, mesa de som, mala de som e tal. Era tudo muito organizado, era um potencial. Toda rádio tinha a sua viatura para reportagem, você transmitia acidente – (*se*) caísse um avião aqui nas proximidades, os primeiros a chegar seriam os radialistas. O radiojornalismo era presente. Hoje ele está (*se*) recuperando um pouco, mas ainda muito leve, perdeu (*ênfase*) substancialmente.

**Arilo** – E o senhor acha que isso se deve a quê?

**Cid** – À crise econômica. O rádio – com o advento da televisão, com a Internet – passou a ser deficitário. Isso fez com que as emissoras de rádio diminuíssem a programação noticiosa e centrassem a programação em nomes que podem fazer o jornalismo por sua própria conta. Por exemplo, no programa que apresento diariamente (*Antenas e Rotativas*), eu tenho uma equipe, mas sou eu mesmo com o meu pessoal que fazemos e só fazemos aquele programa.

**Ana Carolina** – Quando o senhor falou do seu avô, o Eduardo Sabóia, o senhor disse que ele viveu a era de ouro do jornalismo nacional...

**Cid** – ... Foi.

**Ana Carolina** – Qual é a fase do jornalismo nacional de hoje?

**Cid** – Hoje é a fase comercial. A época de ouro do jornalismo brasileiro coincidiu com aquela transição intelectual brasileira. Jornalista era (*Olavo*) Bilac (*Jornalista e poeta parnasiano. Nasceu no Rio de Janeiro em 1865 e morreu em 1918, na mesma cidade*), era José do Patrocínio (*1854-1905. Foi jornalista, escritor, farmacêutico, orador e ativista político.*) – que era grande herói da abolição dos escravos –, era Paula Nei (*Nasceu no ano de 1858, em Aracati, interior do Ceará, e morreu em 1897, no Rio de Janeiro. Foi jornalista e poeta de atuação marcante na 'belle époque' carioca*) – um cearense extraordinário, maior talento verbal do Brasil... Era uma época de grandes embates ideológicos. O jornalismo refletia isso; os jornais refletiam as disputas ideológicas até na arte. Hoje é comercial.

**André** – Cid, esse jornalismo do final do século (XIX) o senhor chama de "era de ouro" e hoje de "comercial". Quando o senhor começou no jornalismo no *Diário do Povo*, que sofreu tentativa de empastelamento (*invasão de uma gráfica ou redação de jornal para inutilizar o trabalho em curso, danificar equipamentos e materiais*) antes da primeira edição, como era aquela época, o senhor insere em qual era?

**Cid** – Olha, era uma época em que nós estávamos saindo de uma ditadura muito perversa. Toda



Perto do fim da entrevista, o professor Ronaldo Salgado ligou o próprio celular, quando se certificava de que este estava desligado. O barulho do celular espantou a todos.

ditadura tem adeptos. Tem os adversários e tem adeptos. O jornalismo expressava, na época em que eu comecei, uma grande luta entre a esquerda e a direita. O jornalismo era uma luta ideológica do pessoal dum lado, do outro, do meio e das laterais, mas era toda uma projeção da ditadura: os saudosos da ditadura, os poderosos da ditadura, os rebeldes contra a ditadura, a tentativa de se tornar um grande partido como o Partido Comunista e as suas divergências... Você veja que o Partido Comunista teve muitas divergências. Por exemplo, o meu pai rompeu com o Partido quando o Luís Carlos Prestes (*militar e político gaúcho falecido em 1990. Teve atuação marcante no Partido Comunista Brasileiro onde foi secretário-geral*) apoiou o Getúlio Vargas. Ele (*Jáder*) não se conformava porque o Getúlio Vargas mandou a Olga Benário Prestes – que era mulher do Luís Carlos Prestes –, para ser morta num campo de concentração, tanto que a filha primeira de Luís Carlos Prestes, Anita Leocádia, nasceu num campo de concentração. Isso horrorizou o país: o Brasil entregar uma operária para o Hitler (*Adolf Hitler, ditador alemão do século XX e líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Defensor de teses racistas e anti-semitas, foi o principal responsável pelo Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. Suicidou-se em 1945*) matar. Mais tarde, o Luís Carlos Prestes inexplicavelmente apoiou o Getúlio Vargas, para que ele voltasse da ditadura e fosse eleito pelo povo (*em 1951*) e nessa data o meu pai foi ao Rio (*de Janeiro*) e juntamente com outros comunistas rompeu com o Luís Carlos Prestes.

**Artur** – Voltando um pouco à questão do rádio-jornalismo, o senhor considera que criou um modelo de radiojornalismo?

**Cid** – Criei e de vários modos. Quando eu falei que a Rádio Nacional dominava o jornalismo no Brasil e a Uirapuru quis implantar um sistema igual à Rádio Nacional – e implantou – era proibido comentar a notícia. A notícia era quê, quando, onde, como e por que e as notícias tinham que ser desdobradas em muitas. Só excepcionalmente (*as notícias*) tinham mais de cinco linhas. Era tudo seco. Então, fui pra rádio Verdes Mares e com o prestígio que eu formei lá, eu fiz o contrário. Eu fiz a notícia explicada e comentada. Quando a (*Rádio*) Uirapuru me contratou pela segunda vez, foi para mudar a bandeira. Eu fui para a Uirapuru para explicar a notícia, comentar, fazer humorismo, uma crítica mais azeda...

Muitas coisas surgiam na hora do noticiário e isso ficava famoso. Por exemplo, os meus redatores um dia escreveram – inadvertidamente – uma palavra que eu não aceitava: avionou. Quer dizer: foi de avião, avionou. Eu, brincando, pesquei na cabeça e disse: “Então quer dizer que se ele fosse de égua ia “egundo”?” (*risos*). Isso foi um problema (*enfático*) – Polícia Federal e tal – mas depois... A gente dava uma piada, a gente dava um aspecto lúdico a determinadas informações... Episódios trágicos e cômicos, como, por exemplo, uma moça que foi socorrida na Assistência Municipal (*refere-se ao Hospital Instituto José Frota – IJF*) porque ela tava fazendo uma carta – naquele tempo que o tinteiro, você metia a pena e escrevia, não tinha caneta esferográfica. Ela (*a moça*) se emocionou com a carta

e bebeu a tinta, foi socorrida na Assistência com tentativa de suicídio (*risos*). A gente fez uma série de brincadeiras em cima desse fato. E muitos fatos assim aconteciam. Pessoas entravam em situações mesmo na política – um deputado que levava uma queda na escada da Assembléia (*Legislativa*). A gente explorava isso e tinha o lado que de quando em quando tinha uma piada. Era um sucesso!

**André** – O senhor estava falando da dificuldade desse tempo de início no Direito, para conciliar com a Rádio. O que levou o senhor a entrar no Direito?

**Cid** – Aaaaah, aí tem muito a figura do meu pai (*com uma expressão gratificada e nostálgica*). Demais! Porque meu pai era advogado famoso, não é? Advogado de júri. Eu tinha o ideal da Advocacia, do Direito. E o meu grande sonho era ser professor da Faculdade de Direito, coincidiu que eu me formei em Direito e no ano seguinte eu requeri para fazer concurso. Fiz um concurso muito difícil, concorrendo com juizes, desembargadores... Mas ganhei de todo mundo. Passei em primeiro lugar. Eu *tava* com a matéria toda muito fresca na minha cabeça – eu sempre fui muito estudioso.

Eu me dediquei muito ao Direito e, por influência do meu pai, fui enfrentar as feras do Poder Judiciário. Eu tinha muita humildade quando comecei a advogar – perguntava muito aos advogados veteranos. Cheguei a trabalhar com vários deles. Pelo fato de ser professor de Direito, eu tinha uma clientela muito grande. Eu saía da rádio, ia para o fórum só voltava de lá para a rádio de novo. Eu tinha muita audiência, fiz muito júri com o meu pai.

**Arilo** – Quando o senhor começa a trabalhar como advogado o senhor pensou em algum momento em de repente deixar o jornalismo?

**Cid** – De jeito nenhum! Nunca deixei o jornalismo. Nem quando era senador. Quando eu era senador eu escrevia pra jornais de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e a *Tribuna do Ceará* (*fundado em 1957, deixou de circular em 2002*) aqui. Eu nunca deixei, eu nunca concebi deixar o jornalismo. Quando eu deixar vai ser uma violência na minha vida.

**Waldenia** – Cid, além de ensinar no curso de Direito, como o senhor falou, o senhor também participou da fundação do curso de Jornalismo, na UFC. Como foi que se deu esse processo de formação do curso?

**Cid** – Olha, tudo no Brasil nessa época era polêmico. Vou dar um exemplo: o Themístocles de Castro e Silva (*jornalista cearense, conhecido por ser polêmico e defender posições fortes em assuntos políticos. Foi entrevistado na edição 19 da Revista Entrevista*) achava que jornalista não tinha que ter formatura. Outros achavam que o jornalista

---

“Eu nunca deixei, eu nunca concebi deixar o jornalismo. Quando eu deixar vai ser uma violência na minha vida.”

---

O telefone residencial de Cid tocou mais de 10 vezes durante a entrevista, sendo atendido pela esposa de Cid ou por secretários no lar.

Cid Carvalho recebeu o grupo de entrevistadores, Ronaldo Salgado, Thais Martins como fotógrafa e Camila Queiroz, assistindo.



Maria Luiza Fontenelle, cunhada de Cid, se emocionou em alguns momentos na conversa com a equipe de produção.

O momento mais emocionante foi quando Maria Luiza falou da relação de Cid com a família.

tinha que ter uma formação ampla, o jornalista devia saber tudo (*enfático*). Um pouco de Economia, um pouco de Ética, um pouco de Direito... De tudo ele tinha de ter um preparo para aprofundar onde ele quisesse.

Então, vários jornalistas se reuniram, inclusive Adisia Sá (*pioneira no jornalismo do Ceará e uma das primeiras mulheres do Brasil a trabalhar na Redação de jornais, em 1955*), Gilvan Dias (*jornalista esportivo cearense*), eu... E resolvemos fazer um curso experimental de jornalismo. Um curso livre. A ACI (*Associação Cearense de Imprensa*) patrocinou esse curso, que foi dado duas ou três vezes. Eu ensinava radiojornalismo, o Gilvan Dias jornalismo esportivo, outro editoração... Isso foi um sucesso. Foi um sucesso. O próprio Sindicato dos Jornalistas passou a ter simpatia também. Até que um dia, o reitor da UFC (*à época, Antonio Martins Filho*) resolveu fundar o curso de jornalismo. Deve ter sido em 67, 68, por aí (*os cursos livres foram em 1964 e em 1965. O curso da UFC foi fundado em 12 de novembro de 1965*), mas era ainda um curso de jornalismo dado junto à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFC. Desses professores do curso livre, aqueles que tinham graduação foram contratados pela Universidade. Afora outros mais. Em 1965, a Universidade fundou esse que é o atual curso de Comunicação Social da UFC.

Então, foram três etapas que resultaram no atual curso de jornalismo que é uma das coisas mais perfeitas da UFC. Hoje todo jornalista é formado. Você vai para uma televisão, você vê aquele pessoal com aquelas máquinas aqui nos ombros, o redator lá em cima... É tudo formado!

**Waldenia** – Você falou que no início, antes até de haver um curso, havia uma polêmica sobre a necessidade ou não de jornalista ser formado numa faculdade. Qual é a sua opinião em relação à obrigatoriedade de diploma para ser jornalista?

**Cid** – Olha, na Assembléia Nacional Constituinte houve uma emenda que foi vitoriosa e eu combati até derrubar. Diploma era só para advogado, engenheiro e médico. A Constituição ia sair assim, já estava quase pronta e ainda constava isso. Eu e muitos constituintes fizemos uma emenda reestabelecendo o diploma. Eu fui um dos pioneiros e apresentei essa emenda que foi vitoriosa.

O diploma é altamente necessário! Inclusive para qualificação profissional. Antigamente, o jornalista era o dentista, o médico, o advogado, o aluno... Não tinha a formação classista; faltava aquele

senso de responsabilidade de uma profissão chamada comunicador – jornalista. Comunicador Social. E hoje tem.

**André** – Cid, eu queria saber justamente o diferencial de um profissional formado numa faculdade com o estudo na área de Jornalismo. Qual a importância disso para o senhor?

**Cid** – Eu acho *eles* mais variados. Eu convivo com o pessoal formado em jornalismo a vida toda. É um pessoal que pode não entender do tema, mas está habilitado, tem técnicas e se aprofunda. Quando você mal percebe, viraram doutores no assunto. O jornalista prático era mais importante. Tinha aquela presunção da sabedoria. O formado em Comunicação Social não ostenta a sapiência; é um cara que tem técnica e vai em cima de qualquer coisa.

No Senado eu observava muito isso: quando vinha aquele jornalista famoso, ele vinha por cima; querendo dar opiniões para o senador – opiniões sobre o que seria a Constituinte. O jornalista formado vinha por baixo, querendo saber o que é que o senador estava pensando e descobrindo e fazendo perguntas curiosas – investigando. O jornalista mais antigo é mais o catedrático, é mais o senhor do assunto e o jornalista mesmo de formatura, ele é o inquiridor, é o curioso que quando você menos espera acaba se tornando doutor da matéria.

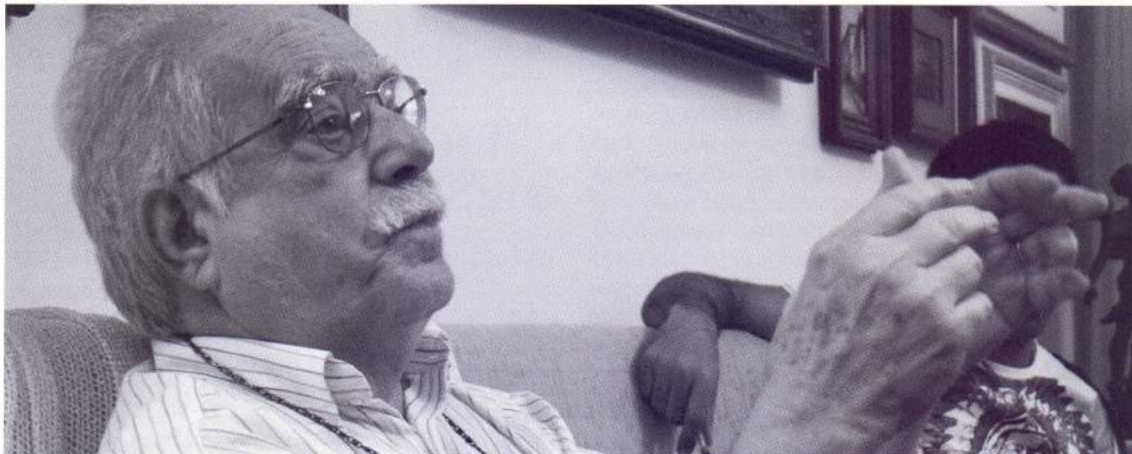
Eu posso dizer que os cursos de Comunicação Social – sou fundador do da UFC – alcançaram o objetivo: formar uma pessoa apta pra ir pro IML (*Instituto Médico Legal, instituto vinculado ao Estado e responsável por autópsias, exames de corpo de delito e perícias médicas*), pra ir pra Assistência Municipal, pra ir pra Assembléia (*Legislativa*)... Qualquer lugar que ele vá, ele tem as técnicas e num instante vai ficar senhor do assunto, a diferença é essa.

**Arilo** – Cid, num outro tema importante também para o jornalismo, o senhor na condição de jornalista e jurista, qual a sua opinião sobre uma lei que venha a regulamentar a profissão de jornalista? A Lei de Imprensa, no caso. O senhor é a favor da derrubada da Lei de Imprensa?

**Cid** – Sou. E sempre fui. Eu fiz muito discurso contra a Lei de Imprensa de tal sorte que essa decisão agora do Supremo Tribunal é uma vitória minha. Como eu sou jurista, eu divido o assunto assim: a Lei de Imprensa que foi derrubada era genérica. Tratava de espetáculo público, de quem pode ter jornal e quem não pode ter jornal... Era uma lei que tinha aspectos de Direito Administrativo, de Direito

Da equipe de produção, apenas Arilo conhecia bem o trabalho de Cid Carvalho como radialista e senador.

Depois dos depoimentos, Artur e André ficaram tão impressionados com as histórias que passavam o tempo exaltando a humanidade de Cid.



Penal, Ética e, ao mesmo tempo, defesas de uma falsa liberdade. "Todos são livres para isso e para aquilo" (*carregado de ironia*). Aí vinha o porém. Algumas vezes, eu fui chamado à Polícia Federal, por exemplo, por infringir coisa assim: "O senhor criticou o chefe da nação belga!". Não podia, era proibido. "Você criticou Portugal!". Daí, se você fosse mostrar que a lei não tinha eficácia, você levava uma tarde conversando com uma pessoa ignorante, sem preparo.

Pode existir uma lei para regulamentar, por exemplo, como se fazer um jornal; onde registrar; que documentos apresentar; quem é que pode ter um jornal, tá entendendo? Quem é que pode ter? Todo brasileiro nato? O estrangeiro pode ou não pode ter jornal? Quem vai ter jornal tem de ter diploma de jornalista? Mas eu sou contra essa coação da cabeça do jornalista... Dizer: "Você caluniou, injuriou, difamou e tal", para isso você tem o Código Penal. A Lei tinha pontos positivos, mas se você fosse tirar o positivo, ficava uma coisa maluca. Não tinha como conciliar.

A Constituição tem dispositivos de defesa da honra – e todos têm direito de defender sua honra, mas abdica da sua honra quem mata, quem rouba... Qual é a honra do pedófilo? Então, eu não quero nem saber quem é o pedófilo, eu baixo o cacete. Não tem nem talvez. Se eu pegar um pedófilo no meu noticiário, eu baixo o pau. Que ele não apareça. Agora, se você tem uma coisa: "Há dúvidas; fulano pode ser ou não um pedófilo". Aí eu não quero me antecipar, é uma questão de ética.

**Artur** – E o senhor acha que o Jornalismo hoje é muito duvidoso?

**Cid** – É. É porque ele obedece a muitos interesses, não é? Também há um problema: a crise econômica tornou os jornais muito preocupados com a folha de pagamento. Pode ser que os jornalistas mais caros estejam sendo dispensados pelos jornalistas mais iniciantes, mais baratos. Falando no Brasil inteiro. A gente vê que nem toda equipe jornalística tem a maturidade que já existiu no jornalismo brasileiro.

**Ana Carolina** – O senhor disse que formou chapa com o Zé Pessoa (*José Pessoa, dono e fundador da Rádio Uirapuru*), da Uirapuru, para que vocês conseguissem os votos dos ouvintes. O senhor acha que, como comunicador, isso lhe ajudou a conseguir entrar na Política em 87 (*Cid se candidatou a primeira vez em 1978 para deputado estadual, mas só veio a ser eleito em 1987, para ocupar cargo de Senador da República*)?

**Cid** – Muito. No contato com o eleitorado, por exemplo, era comum eu me encontrar com pessoas que diziam assim: "Eu voto em você, mas você foi pra Arena (*Aliança Renovadora Nacional, partido de sustentação do governo militar brasileiro, criado em 1966 no governo de Humberto de Alencar Castello Branco. A política era bipartidária e o MDB representava a oposição, enquanto a Arena defendia a continuidade*)... Aí eu não voto". Então, eu compreendi onde era o meu lugar – era no PMDB. Eu disputei duas eleições sendo muuuito bem votado, mas não dava pra entrar. A legenda da Arena era muito pesada (*por legenda pesada, entende-se que na Arena era necessário mais votos do que em outros partidos para se eleger, graças à competição*

*interna*). Para a pessoa se eleger tinha que ter 20 mil votos e eu só alcancei com 82 (*na verdade foi um lapso na fala do Cid, ele quis dizer 78*), 11 mil e 600 (votos). E em 82, 14 mil e pouco.

Então, houve a reforma política – a abertura política do Geisel (*Ernesto Geisel, presidente do Brasil entre 1974-1979*) acabou com o voto vinculado, quer dizer, o povo votava em quem ele quisesse. Eu ia me candidatar a deputado a terceira vez, mas houve no PMDB um estudo e analisando todos os elementos das minhas eleições, eles (*os líderes do partido*) concluíram que a única maneira do PMDB fazer os dois senadores, era se eu me candidatassem.

O PMDB lançou mão de um artifício na época, que era o voto em sub-legenda. Em vez de um candidato ao Senado, a uma cadeira, o PMDB tinha três candidatos. (*O Partido*) estudou: "o Cid vai ser votado na capital, o Esmerino (*Esmerino Arruda, político atualmente no PSDB. É prefeito de Granja, mas tem sofrido sucessivos afastamentos em 2009*) vai ser votado na Zona Norte (*do Ceará*), o Nestor Vasconcelos (*médico e político cearense*) vai ser votado na Zona Jaguaribana (*referente ao Rio Jaguaribe, o maior rio do Estado com cerca de 600 km de extensão. Situa-se na extremidade leste do Ceará*). O que tivesse mais voto levava a eleição. Aconteceu que eu – surpreendentemente para mim, porque não era surpreendente para o PMDB –, tive quase um milhão de votos. Eu me elegi com os meus votos, os do Esmerino e os do Nestor, totalizando cerca de um milhão e 200 mil votos.

**Raquel** – Essa época no Senado foi uma época muito importante na sua vida política. O senhor acha que conseguiu alcançar o que se propunha na época?

**Cid** – (*enfático*) Não. Não consegui. A pedido do meu pai... Um dia eu fui visitá-lo e ele me deu uma sugestão: "Pra onde você for, defenda a reforma agrária. Faça a reforma agrária". E eu fui como senador para fazer a reforma agrária. Apresentei projetos e tal, mas fui derrotado, porque houve na Assembléia Nacional Constituinte uma divisão de águas: ficou o "centrão" – que era uma grande quantidade de deputados – com uma tese conservadora, uma reforma agrária a meio tempo; a esquerda, de que eu fazia parte também, com uma reforma agrária ousada demais. Meu projeto era intermediário, não triunfou, não mereceu destaque. Eu votei pela reforma agrária nossa, da esquerda. Nem eu pude votar na minha, porque desviaria a força, tá entendendo?

Eu não fiz a reforma agrária, mas eu atingi num percentual muito alto o que eu queria. Por exemplo,

---

**"A pedido do meu pai (...) eu fui como senador para fazer a reforma agrária. Apresentei projeto e tal, mas fui derrotado."**

---

As reuniões de pauta da produção foram feitas no laboratório de rádio, no chão ao lado do laboratório de rádio e nos bancos da Cultura Francesa.

Cid tem o costume de repetir frases para reforçar, quase um cacete.

Essa mania é também de Artur, que se sentiu ainda mais identificado com a figura do entrevistado.

Outro recurso comum no discurso de Cid é o fechamento de perguntas com uma síntese da resposta. Os editores agradecem.

Durante a produção, quando questionado sobre uma pré-entrevista para coletar dados, Cid foi enfático: "Precisa disso não".



a defesa do funcionário público. É da teoria neoliberal enfraquecer o Estado, e você enfraquecendo o professor público da Universidade, o escriturário, o digitador, o policial, o delegado... Acaba o Estado. E a grande luta minha era valorizar o serviço público para termos um Estado e não reduzir o Estado para a iniciativa privada ocupar, como o Fernando Henrique (*Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil entre 1995 e 2002*) fez depois que eu saí. Eu queria que houvesse um Estado brasileiro forte, muito forte. E justo – com justiça social. O Estado como está mais ou menos hoje. Dando dinheiro pra quem tem fome. Eu queria um Estado dando educação, que ainda não está dando. Dando saúde pública. Um Estado meio socialista. Então, para isso, eu fui defender o funcionário público.

Eu obtive vitórias extraordinárias, como, por exemplo, a estabilidade do servidor que – irresponsavelmente – foi admitido no serviço público (*sem concurso*). A vida passou e aquele homem ficou sem a possibilidade de um novo emprego. Quando assumisse o primeiro presidente da República após a Constituinte, ia demitir todo mundo. A minha luta era estabilizar todas aquelas pessoas que entraram pelo favor político, que entraram pelo parentesco – entraram pelo modo mais defeituoso do mundo. Mas eram pessoas humanas, de quem o Estado dependia hoje. Aquele cara que entrou por um favor, hoje é um grande funcionário. E eu tinha moral, porque eu nunca entrei em canto nenhum sem concurso. Eu queria que as pessoas não fossem despedidas. Hoje, eu vou para o Banco do Brasil, vejo aquelas filas com aquelas mulherezinhas, aqueles velhinhos... Aquilo tudo só tá ali por causa de mim! Eu que estabilizei todos eles. Uma das primeiras emendas que apresentei foi a estabilidade do servidor público, que depois foi transformada em efetividade, que é a mesma coisa com outras palavras. Sempre o concurso, ter aposentadoria... Eu defendi muito o servidor público na elaboração da Constituição. Aquilo tudo que vocês lêem hoje na Constituição sobre estabilidade, efetividade, estágio probatório, progressão (*funcional*). Tudo aquilo foi a minha luta.

Além disso – como advogado –, eu queria o Ministério Público forte para fiscalizar os governantes, não é? Queria uma distinção entre o Ministério Público e a Procuradoria da República, porque impressionava muito quando a gente ia advogar: o procurador da República era advogado da União também. Eu levei (*o projeto*) para o Congresso e para a Constituinte criarem a Advocacia Geral da União. Eu queria que os pobres tivessem advogado – a Defensoria Pública. Então, Deus me ajudou tanto que eu criei – eu digo eu porque fui eu mesmo

–, eu criei o Ministério Público, eu tenho aqui um guarda-roupas cheio de homenagens do Ministério Público. Eu criei o Ministério Público, a Advocacia Geral da União e a Defensoria Pública. Eu fui relator dessas matérias.

A Advocacia Geral da União, o Collor (*Fernando Collor de Mello, primeiro presidente do Brasil após a ditadura a ser eleito democraticamente, em 1989. Foi destituído do cargo depois de um processo de impeachment em 1992*) não queria nem a pau. E eu mandei dizer que agora era tarde, que eu faria, que estava feito. Minha preocupação era dividir: "Isso aqui é o Ministério Público, isso aqui é a Advocacia da União (*dividindo com as mãos*) –, porque era tudo junto. Você não sabia quando é que o promotor representava o Estado ou a União, onde é que ele representava o município, onde é que ele era o fiscal da lei... Isso tudo hoje é uma maravilha! Todo mundo tem ciência de que eu fui relator da lei que estabeleceu até o Poder Judiciário – hoje vocês veem funcionando Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça, Tribunais Regionais... Eu fui relator do Poder Judiciário, do Ministério Público, da Advocacia Geral da União e da Defensoria Pública, então bastaria isso para justificar o meu mandato.

**Arilo** – Passados um pouco mais de 20 anos, como o senhor avalia o trabalho do Congresso Nacional naquela época, no período da Constituição?

**Cid** – Era o trabalho mais adequado à época. Hoje faríamos outra Constituição. Eu mesmo faria outra Constituição. Mas é que, naquela época, todo mundo trazia suas amarguras. Nós tínhamos uma deputada que tinha as coxas inteiramente queimadas, de tortura. Nós tínhamos deputados neuróticos, que não podiam ficar parados, porque tinham sido torturados... Nós tínhamos que ter a certeza de que aquilo não voltaria mais. A Constituição foi feita, em grande parte, para não deixar voltar, nunca mais, tortura psicológica, tortura física. Havia um ambiente muito marcado por neurose. Eu mesmo levava uma mágoa muito grande de Polícia Federal – que eu vivia na Polícia Federal, qualquer coisa eu ia levado à Polícia Federal –, então eu tive o cuidado de também salvar a Polícia Federal, mas de um modo que ela também não atingisse a imprensa, não atingisse aos jornalistas, não fosse uma censora moral e sim um órgão policial. Eu salvei a Polícia Federal. A Polícia Federal ia ser extinta na Constituinte. As atividades da Polícia Federal, e grande parte (*das investigações*) – notadamente sobre contrabando, descaminhos – iam passar para o Ministério da Fazenda, e eu achei que ele não ia dar conta.

Eu queria a Polícia Federal existindo como a polícia que ela é hoje. Investigando crime, investigando subversivos, o estelionatário, pessoas que praticam crime contra a União e tal. Então, eu salvei a Polícia Federal também. Mas não estava direito, era você contar uma história e ter que ir à Polícia Federal explicar ao todo-poderoso o que é que tinha dito. Houve uma vez que foi tão grave a minha ida à polícia, que eu tive que me socorrer dum ouvinte da rádio, que era o comandante da décima Região Militar. General Dilermano Monteiro. Um dia eu fui levado à Polícia Federal por uma besteira, aí eu me zanguiei na hora, perdi a cabeça. Quase agrido o delegado... Eu liguei para o general e ele

Depois de pegar um livro de contos de Monteiro Lobato editado pela Confraria do Bibliófilos, Cid mostrou dificuldade para guardá-lo.

André, pronta e timidamente, se ofereceu para ajudar, ao que Cid retrucou: "Cuidado pra não rasgar!"

mandou passar o telefone para o Laudelino Coelho (*ex-diretor da Polícia Federal no Ceará*) e eu só via o Laudelino dizer: "Sim, senhor. Sim, senhor" (*risos*). Quando terminou, ele disse: "Colega, tudo bem!" – ele só me chamava de colega, porque queria ser advogado.

**Artur** – Cid, sobre a sua atuação na Constituinte, existe algum ponto em que o senhor foi totalmente contra, mas foi votado e aprovado?

**Cid** – Aí só me lembrando... Sim! Havia matérias em que eu, por uma técnica, não podia ser contra. Eu era a favor daquela matéria, mas não na Constituição – era a favor daquela matéria em uma lei separada. Eu tinha que me abster. Como advogado, eu via a Constituinte elaborar muita disposição que não é de Constituição, é de lei ordinária. Eu me abstinha de dar o voto, não dava voto nenhum. Algumas eram aprovadas, outras não eram. Mas não é que eu fosse propriamente contra. Algumas passaram. Por exemplo, horas de trabalho. Eu achava que horário de trabalho não era matéria de Constituição, era matéria de lei, era matéria da Consolidação das Leis do Trabalho. Porque fica mais fácil modificar. Porque o operário brasileiro trabalha muito. E eu tinha o ideal do operário trabalhar menos para ter vida privada mais presente – para o sujeito ter direito ao lazer. Porque o operário brasileiro não tem direito ao lazer. O meu ideal era que houvesse uma carga horária menor, mas não havia clima na Constituinte para reduzir. Não havia como reduzir.

**Waldenia** – Como advogado e jurista que o senhor é, o que significou ser aclamado para a presidência da Comissão de Constituição e Justiça?

**Cid** – Ah! Aquilo foi muito importante! Porque esse cargo, no duro, no duro mesmo, é mais importante do que Presidente do Senado. É o coração do Senado, é ali onde vai se decidir tudo, é onde você vai verificar a conveniência das matérias. Tudo é ali – é a principal comissão técnica do Senado. Intelectualmente é mais importante do que ser Presidente do Senado. Eu me surpreendi, pois havia um senador chamado Wilson Martins, que havia sido governador do Mato Grosso, ele era o candidato que ia ser eleito. Era um homem de idade, muito mais velho que eu, não sei nem se ainda é vivo. Lá na hora, quando começaram a conversar sobre quem seria o presidente, ele tomou a palavra e disse que ia retirar a candidatura dele em prol da minha; com isso perdeu a razão de ser a eleição, e eu fui aclamado. Ele abriu mão pra mim, achando que eu é que devia ser o presidente. (*pausa*) Mas não conversei comigo, não combinou, nem antes, nem durante e nem depois.

**Waldenia** – O que para o senhor significou exercer esse cargo?

**Cid** – Ah! O cume do meu conhecimento jurídico, a coisa mais importante da minha vida jurídica, de juriconsulto, jurista, foi a mais importante. Eu pude fazer muita coisa, fizemos muita coisa nessa época na Comissão de Constituição de Justiça e Cidadania.

**André** – Cid, durante o seu mandato no Senado, o senhor teve uma atuação relevante em vários temas da sociedade, como nas críticas ao ex-presidente Collor...

**Cid** – ... Ah! (*convicta*) Eu posso dizer que quem cassou o Collor fui eu. E ele disse mais ou menos

isso, no primeiro discurso que ele fez no Senado (*Em 2006, Collor se candidatou ao Senado em Alagoas e foi eleito novamente*), porque ele foi se bancar a besta, aí eu entrei duro nele e a partir daí começou a luta (pelo *impeachment*).

**André** – Qual foi o seu legado no Senado? O que ficou marcado?

**Cid** – Olhe, o *impeachment* do Collor foi uma coisa! O Collor estava levando a nação a uma loucura. Não foi um *impeachment*, porque ele renunciou (*na verdade, mesmo tendo renunciado, o processo de Impeachment continuou e Collor teve seus direitos cassados por 8 anos*), mas o processo de *impeachment* – o Senado se transformar num tribunal, que eu integrava, – isso foi um grande legado que eu deixei. O Collor fez um discurso em que se queixou muito de mim e ele tinha razão, porque quem primeiro falou em *impeachment* dentro do Congresso Nacional fui eu. Eu lutei muito para que ele fosse cassado, lutei sobremaneira, e aí ele renunciou.

**Arilo** – Como foi que o senhor chegou a essa idéia do *impeachment*?

**Cid** – Primeiramente pelos desmandos dele, ele era um cara irresponsável tanto na vida pessoal, como na vida de Presidente da República. Há fatos que eu não posso contar. Seria doloroso! Mas muitos fatos envolvendo o irmão dele (*Pedro Collor de Mello, já falecido*). Os costumes dele, coisas que chegavam ao Senado, o plano Collor (*Foi o plano aplicado pelo governo de Fernando Collor de Mello para tentar estabilizar a inflação e para isso congelou as contas públicas*) – aquela tomada do dinheiro nacional –, aquilo me pareceu uma irresponsabilidade muito grande. Quando foi um dia, ele voltou-se contra a Constituição, dizendo que com a Constituição do Brasil não era possível governar. Então, eu tirei a conclusão imediata: "Renuncie, renuncie ou será cassado depois dessa declaração" (*como se falasse diretamente com Collor*). Foi assim que começou, e foi engrossando, engrossando, e tornou-se um movimento nacional. Mas quem primeiro falou fui eu.

**Arilo** – Cid, em 1994 foi a tentativa de reeleição do senhor, não é?

**Cid** – Foi, uma tentativa.

**Arilo** – Na opinião do senhor, o que é que foi determinante para a sua não reeleição ao Senado?

**Cid** – É porque houve uma divisão do PMDB no decurso do meu mandato e uma parte passou a ser PSDB, mas como eu fui eleito pelo PMDB eu não quis deixar o meu partido em pleno mandato. Hoje está comprovado que isso é errado, que o mandato é do partido. Eu me candidatei pelo PMDB contra o PSDB, e os dois candidatos do PSDB triunfaram sobre os dois candidatos do PMDB. Era eu e o Mauro (*Benevides*) pelo PMDB e o Sérgio Machado e o Lúcio Alcântara pelo PSDB. Eles tinham o governo na mão, porque o Tasso (*Jereissati*) – que era o governador – passou-se para o PSDB. Nós ficamos sem nenhuma possibilidade. Nós concorreremos democraticamente, tanto eu como o Mauro, ninguém tinha ilusão de que ia ganhar.

**Artur** – Cid, a gente conversou com o deputado Mauro Benevides, e ele disse que nessa eleição, se você tivesse se candidatado a deputado federal, você teria chances reais de ganhar...

Quando escureceu, o professor Ronaldo se levantou para acender a luz. Cid interrompeu André, que ficou por momentos falando sozinho.

Um dia depois de Cid declarar na entrevista que é contra a queda da exigência de diploma para se fazer jornalismo, o STF derrubou a exigência.

Na fase de produção, foi colhido o depoimento de Lúcio Sátiro, companheiro de Cid no *Antenas e Rotativas* desde 2003.

Lúcio, inclusive, anunciou que Cid seria entrevistado por alunos do jornalismo da UFC durante o programa e que tinham colhido seu depoimento.

O assunto da conversa?  
"Cid Carvalho. Eu até dei o seu endereço para eles..."

Quando estava dando o depoimento, ele ligou para Cid para confirmar dados.

**Cid** –... Aaah, com toda certeza.

**Artur** – Por que então você foi candidato a senador?

**Cid** – Porque eu não queria ser deputado federal. Eu queria continuar, nós estávamos fazendo muita coisa no Senado e eu tinha que terminar; uma dessas coisas era o Código Civil (*diploma legal que regula os direitos e obrigações de ordem privada concernentes às pessoas, aos bens e às suas relações*), eu era – além de Presidente da Comissão de Constituição e Justiça – também o presidente da Comissão que elaborava o Código Civil, uma coisa importantíssima! Nisso, houve um episódio, em que pela lei interna do Senado, o Código Civil morreu, acabou, ia ser arquivado – e aquilo me revoltou. Eu fui presidente sete anos dessa Comissão, sem conseguir elaborar, mas o meu sonho era elaborar para um cearense estar de novo à frente do Código Civil – como Beviláqua (*Clóvis Beviláqua, Jurista e Legislador Cearense, foi o responsável por escrever o projeto do Código Civil em 1899*) esteve na condição de jurista. Pois bem, eu queria fazer o Código Civil e quando ele foi arquivado eu fiz uma questão de ordem muito técnica e por essa questão de ordem o Código Civil foi reestabilizado, foi reabilitado, voltou a tramitar – e eu era o presidente da Comissão responsável pela volta do Código Civil. Eu queria terminar o Código Civil, não me interessava ser deputado para só ficar perdido em meio a quinhentos e tantos deputados; sem ter as oportunidades que o senador tem, eu queria ser senador, eu não queria ter um ordenado, eu não queria ter um subsídio, eu queria fazer, continuar fazendo onde eu estava.

Eu preferi perder – eu sabia que ia perder –, como o Mauro também preferiu perder. Nós tínhamos pesquisas, tínhamos tudo, sabíamos que o Lúcio Alcântara estava muito bem; que o Sérgio Machado contava com muito dinheiro e contava com o Governo. Nós sabíamos que, se fosse eleito, era um de nós dois, e se fosse eleito um, era o Mauro – porque era mais antigo em política, tinha mais nome do que eu –, mas nós resolvemos enfrentar para a prática eleitoral, para haver a prática da democracia, vamos perder, mas vamos enfrentar, não é?

**Ana Carolina** – Cid, essa vez – em 94 – foi a última vez que você se candidatou. O senhor não teve nunca mais o desejo de atuar na política?

**Cid** – Ainda hoje (*dia 16/06/09*) eu recebi um convite para voltar, para ser candidato ao Senado ou a suplente de senador – eu não posso dizer o partido, mas pelo menos três a quatro partidos já me procuraram nessa fase. Mas eu confesso que

**"(...) o Brasil não é corrupto, não - os homens é que são corruptos e não sabem conviver com o poder."**

O entrevistado aceitou de pronto participar da 22ª edição da Revista Entrevista, somente pedindo para que depois ligasse "para acertar os detalhes".

Atualmente, Cid Carvalho apresenta o programa *Antenas e Rotativas*, que é veiculado de segunda à sexta, de 12h às 13 horas.

não estou estimulado, não estou estimulado para uma nova luta, ir a tudo que é de município e ali enfrentar o matuto corrupto; que coisa nojenta, é horrível você enfrentar um prefeito corrupto, é a coisa mais nojenta do mundo!

**Raquel** – Você guarda muita desilusão da política?

**Cid** – Muita, muita! Em 94, por exemplo, para alcançar os 400 mil votos que eu tive, eu peregrinei por este Estado todo. Eu chegava para prefeitos e, como eu não levava dinheiro, eles não queriam nem saber de mim – não tomavam nem conhecimento de que eu estava presente. Até para falar eu tinha dificuldade, pra discursar no comício, porque eles procuravam sabotar. Teve um prefeito de uma cidade aqui próxima que no dia do comício ligou pra mim: "Mande aí três mil dólares para o nosso comício", eu digo: "Eu não tenho". Ele disse: "Pois então também não venha não".

**Ana Carolina** – Cid, o senhor disse em entrevista ao jornal *O Mossoroense (jornal da cidade de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte. É o mais antigo do interior do Brasil, fundado em 17 de outubro de 1872)* – há mais ou menos 10 anos – que o Brasil era sério, o governo do Brasil é que não era sério. Hoje em dia, o governo do Brasil é sério?

**Cid** – Não acho, não acho. Acho que é um governo de grande popularidade, de medidas sociais que eu adotaria – são medidas certíssimas dentro do lado social – e algumas que eu não adotaria. Mas, infelizmente, o Brasil hoje você não tem nenhum Congresso que faça parte dos governantes. Nem o Senado, porque o Senado que eu participei era corretíssimo, era um Senado de grande valor intelectual e era sério; você não tinha escândalo envolvendo senador não, de jeito nenhum. Hoje, o Brasil está tomado pelos escândalos.

Agora, eu não gosto das pessoas que depreciam o país. Um dia desses eu quase me zango com um locutor de rádio. Fui atrás dele porque ele disse: "Aah Brasil...", (*Cid*) "Não é Aah Brasil, diga Aah Fulano". O fulano é que faz, não é o Brasil. O Brasil é a vítima dessa corrupção, o Brasil não é corrupto, não – os homens é que são corruptos e não sabem conviver com o poder. Eu convivi com o poder, podendo muito – eu mandava no Senado como Presidente da Comissão de Constituição e Justiça –, mas foi a época mais difícil da minha vida – perguntem a minha mulher (*risos*), ela diz. Foi a época mais pobre da nossa vida; nem como aluno do Liceu eu era (*tão*) pobre. Como senador eu não conheci essas facilidades. Eu tinha minhas passagens delimitadas pra vir pra cá, pra ir para o Rio, ir fazer uma conferência em São Paulo... Hoje, eu leio nos jornais que "fulano gastou 90 mil de passagem" (*Referindo-se às denúncias de uso irregular da cota de passagens aéreas a que todo parlamentar tem direito em abril de 2009*), não sei como é isso, não sei como é. O Brasil não é corrupto; eu detesto quem é antipatriota! Você quer anarquizar o país: "Ah isso é Brasil...". Não, vamos criticar os homens – como eu faço, eu crítico é a pessoa. O Brasil é sério, o político atual é que é altamente desonesto.

**Raquel** – O senhor tinha falado da sua inclinação política voltada para a visão mais socialista, da herança que você teve do ideário político do seu pai. São duas perguntas: O senhor preservou os seus

ideais? O senhor acredita na formação de uma sociedade justa, livre e igualitária?

**Cid** – Acredito. Acredito e eu acho que é futuro da humanidade é uma renda mais bem dividida – e nós podemos estar muito próximos disso. Essa crise internacional que nós estamos é o fracasso do capitalismo – o capitalismo terminou, isso é um fracasso –, eles põem o dinheiro e a mercadoria acima da condição humana, (e/les) tropeçaram no dinheiro, levaram um tombo, não sabem pra onde vão, tá entendendo? Se essa crise evoluir, você não sabe pra onde está indo, ou que virá depois dessa crise.

Tem que surgir um sistema capitalista de uma destinação social: quando o capital chegar a um determinado ponto, você distribui com os órgãos sociais – tem que existir uma coisa assim. Tudo que se tentou, fracassou. Você podia imaginar em um país como os Estados Unidos, acontecer aquele caso das Torres Gêmeas? (*Em 11 de setembro de 2001, terroristas sequestraram aviões comerciais americanos e se chocaram contra o World Trade Center, que ficava no centro financeiro de Nova Iorque*) Que desmoralização da segurança americana, do capitalismo, porque lá tudo é capitalismo, só se pensa em dinheiro.

Agora, uma empresa como a General Motors teve que ser estatizada por quem é contra a estatização, veja o que é, imagine o Fernando Henrique estatizando não é uma violência muito grande um canalha desse estatizar, por exemplo? O presidente Bush, anterior a Obama, estava estatizando (*refere-se a George W. Bush e Barack Obama, presidente anterior e presidente atual dos EUA*). Isso não é uma grande ironia, não? Quem é que podia esperar isso? Empresas como a General Motors - (*é a segunda montadora automobilística do mundo. Em 1º de Junho de 2009 a empresa entrou com o pedido de proteção contra falência*) sendo estatizadas, quando aqui queriam privatizar a Petrobrás. É uma coisa violenta, nós estamos tendo, várias empresas estatizadas no mundo inteiro, fazendo o contrário do que o Fernando Henrique fez – nem o pobrezinho do BEC (*O Banco do Estado do Ceará foi privatizado em 2005, passando a pertencer o grupo Bradesco*) aqui escapou, foi privatizado pelo Lula, (*Luis Inácio Lula da Silva, o 35º presidente do Brasil, cargo que exerce desde 1º de janeiro de 2003*) num mau momento da personalidade dele.

**Arilo** – Cid, teve um período na eleição de 94 em que uma emissora de televisão local associa o nome do senhor com o escândalo dos Anões do Orçamento (*escândalo envolvendo congressistas brasileiros que se envolveram em fraudes com os recursos do Orçamento da União, que culminou na CPI do Orçamento em 1993. O nome “anões” é referente à altura dos parlamentares*). Como se deu isso?

**Cid** – Se deu o seguinte: apesar da nossa consciência de que perderíamos a eleição, houve um momento em que crescemos. Nessa comissão dos Anões do Orçamento, eu era membro da comissão de investigação, da CPI (*Comissão Parlamentar de Inquérito. É uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo, com os mesmos poderes de uma investigação judicial, que visa apurar irregularidades de todos os níveis*) – eu era membro da CPI com uma larga atuação. Os jornais daqui – financiados não



sei por quem –, me tratavam aqui por Cid Carvalho; o Cid Carvalho do Maranhão (*Renunciou após ser acusado de participação no esquema dos Anões do Orçamento*), que era do PMDB também, era tratado aqui por Cid Carvalho; eles não faziam a diferença, a única diferença era o (*cargo de*) deputado. Muita gente passou a pensar que eu era deputado e senador a um só tempo, porque ouvia falar: “O deputado Cid Carvalho, o senador Cid Carvalho”. Mas só que em Brasília, no Rio, São Paulo, onde houvesse noticiário, eu era conhecido como Cid Sabóia de Carvalho, ou só Cid Sabóia ou só Sabóia – não era Cid Carvalho.

Quando nós crescemos na eleição, nós passamos a ameaçar o Lúcio e o Sérgio, e a TV Jangadeiro – que era e é do Tasso –, botou a propaganda – (*imitando*) “Não vote em Anão do Orçamento, não vote em Cid Carvalho, não vote em não-sei-o-quê...”, como se o Cid Carvalho do Maranhão fosse candidato aqui. E isso só parou quando eu fui lá – eu me armei e fui lá. Eu fui quebrar a TV Jangadeiro, ia meter bala lá, mas eles tiraram do ar antes que eu desse o primeiro tiro. Eles estavam confundindo a opinião pública das pessoas menos informadas. A campanha da Jangadeiro, que saiu durante várias horas até eu chegar lá, foi para criar confusão de nomes e isso teve um efeito extraordinário, um efeito arrasador.

**Ana Carolina** – Cid, o senhor disse durante a entrevista que a liberdade da imprensa acaba quando atinge a honra das pessoas. Até que ponto se pode chegar para defender a honra? E a sua defesa da sua honra é uma herança do seu pai, de nordestino? De onde é que vem essa defesa da honra?

**Cid** – Olhe, a honra de que a gente fala na Constituição é todo mundo ter direito a um bom nome, ao respeito, a isso tudo. Agora há um momento em que a pessoa abre mão de sua defesa por delinquir, a honra é preservada quando a pessoa não dá motivo para que a honra seja ofendida, dando motivo não tem direito a honra. Eu sou de uma família que se defende – se alguma coisa me ferir, eu não vou esperar o procedimento judicial, porque o certo é o procedimento judicial. Uma vez uma juíza bêbada provocou um acidente de trânsito, se lembrou que era juíza e quis impedir a televisão de dar a notícia. Nós demos (*a notícia*), ela não tinha direito nenhum, ela abriu a guarda. O certo em quem é ofendido em sua honra é ir ao Poder Judiciário – é o caminho certo –, mas nem todo mundo faz assim, né?

**André** – Cid, houve algum episódio em que o senhor – em defesa da honra – tomou alguma atitude que se arrepende, acha que passou por cima da justiça de alguma forma e achava que não devia ter feito a esse ponto?

O lugar escolhido por Maria Luiza para a deposição foi justamente a antiga casa de Eduardo Sabóia – avô de Cid. Atualmente é a sede do grupo Crítica Radical.

Em determinado momento ela anunciou que a casa de Jáder de Carvalho, a mesma em que Cid passou boa parte da sua vida, ficava logo ali perto.

André, Artur e Arilo se entreolharam – eles não faziam a menor idéia disso.

Após despedirem-se de Maria Luiza, apressaram-se em direção a casa.

Após alguns minutos de indecisão sobre qual daquelas casas foi a de Cid, um homem aparece oferecendo-se para ajudar os três indecisos.

**Cid** – (voz embargada) Houve sim, mas é ruim lembrar! É ruim porque foi um caso em que uma pessoa não gostava do Virgílio Távora (*político brasileiro já falecido, nascido em Fortaleza, foi governador do Ceará de 1963 a 1966 e de 1979 a 1982*) e eu li algumas informações sobre o Governo (*referindo-se ao programa no rádio*), essa pessoa resolveu me ofender de qualquer maneira em um jornalzinho que circulava aqui. Eu não me contive, fui lá e foi bala e (*risos*) foi muita coisa e eu me arrependo, me arrependo muito.

**Arilo** – No seu programa de rádio, você tem uma crônica diária, chamada “crônica do meu sentimento”, em que o senhor, entre outras coisas, fala muito das lembranças de Fortaleza antiga. Quais são as lembranças da Fortaleza da sua infância, como era viver nesse ambiente – que hoje nós transitamos na cidade grande –, mas como era na época da sua infância?

**Cid** – Olhe, Fortaleza era uma cidade mais pacata e muito fraterna, em que você tinha as reuniões nas praças, a juventude se reunia, a gente freqüentava a Praça da Lagoinha, a Praça do Ferreira (*duas das principais praças no Centro de Fortaleza*), todo mundo ia ao mesmo cinema ou aos mesmos cinemas. Havia uma época em que só havia um cinema bom aqui – que era o Cine Diogo –, quando você ia a determinadas sessões do Cine Diogo (*o cinema não mais existe, funcionou até o final dos anos 90 do século passado*) você encontrava todo mundo, toda a juventude, todas aquelas pessoas. Era uma cidade muito fraterna e ao mesmo tempo era uma cidade muito religiosa, onde os acontecimentos religiosos tinham grande relevância. Cada missa era um acontecimento – dias de procissão e tal. Então, era uma cidade muito provinciana e todo mundo se conhecia.

**Raquel** - O senhor sente saudade dessa época?

**Cid** – Eu tenho, e muita (*risos*). Eu tenho saudade desse tempo da província. O (*Colégio*) Liceu de antigamente era muito intelectualizado: poetas, declamadores, líderes políticos. O Liceu tinha uma prática política, tudo era diferente, diferente de hoje. Hoje, nós somos uma grande metrópole: tudo é mais frio, até as construções mudaram. Fortaleza era cheia de bangalôs, as casas tinham porões... Você chegava na Praça do Liceu, era a coisa mais linda do mundo, parecia que você estava em Paris na Europa. Derrubaram tudo, né? Quando chegava de noite, você ia pra pracinha do Liceu, aí vinham as moças e os rapazes – ali nasciam os namoros,

“Eu tenho saudade desse tempo de província (...). Hoje, nós somos uma grande metrópole: tudo é mais frio, até as construções mudaram.”

“A casa do Dr. Jáder? É a que eu estou trabalhando...”, disse o senhor Luis Viana, pedreiro que estava reformando a casa de Jáder de Carvalho.

“Querem dar uma olhadinha?”. Perguntou Luis. Precisa dizer qual a resposta dos nosso produtores?

os casamentos, tudo passou né? Hoje, a Praça do Liceu é uma pocilga, é um chiqueiro de porco, não tem mais, é tudo destruído; você chega lá na Praça da Lagoinha uma hora dessa (*no horário da entrevista, entre 15 e 17 horas*), é intransitável, intransitável. Muita coisa mudou. A própria juventude. Droga? Você não sabia nem o que era droga.

**Waldenia** – Cid vem dessa época a sua afeição a arte – porque o senhor já falou durante a entrevista em relação ao seu apego pela Literatura e durante a produção nós sabemos que o senhor é um amante da música clássica, pinta, faz poemas...

**Cid** – ... É, eu pinte.

**Waldenia** – Essa sua afeição com a arte essa sua ligação...

**Cid** – ... Eu não sei. Mamãe dizia que era hereditariedade, que vinha das pessoas da família, as pessoas antigas. Mas eu tenho um amor muito grande pela Literatura, é verdade – não apenas a Literatura Brasileira –, primeiro a brasileira, depois a portuguesa e depois as outras literaturas. Eu tenho um amor enorme por livro e eu sou de duas entidades de preservadores do livro (*referindo-se à Confraria dos Bibliófilos em Brasília, e à Associação Brasileira dos Bibliófilos, que tem sede em Fortaleza*). Eu estou sempre no mundo da arte, eu gosto muito de música – não somente música clássica, mas a música brasileira, a verdadeira música brasileira, a música de seresta, o chorinho. Ah, eu passei um tempo pesquisando chorinho que quase eu fico doido.

**Artur** – Cid, no seu livro intitulado *Plenilúnio*, existe um poema chamado *Definição* em que o senhor diz assim: “Eu sou a força que falta, a voz que fala bem alto, a estrela longe, sou esta ideia, este fato, um pensamento achado”. Hoje, como é que o senhor se define?

**Cid** – Do mesmo jeito (*risos*). É a mesma coisa, não mudei nada, é mais ou menos isso. Agora, a poesia é uma coisa misteriosa, não é? A poesia é uma coisa misteriosa que a gente não sabe bem como é que acontece ou porque é que acontece, a gente só sabe que ela deve acontecer.

**André** – Cid, nós estamos chegando ao final da nossa entrevista e essa será a última pergunta. O senhor teve uma vida destacada em áreas bem diversas – e ainda tem – como o Direito, Política...

**Cid** – ...É, é uma característica minha, não sei por quê.

**André** – Dentre todas essas atividades que o senhor desempenhou, qual a mais importante, que o senhor acha que fez uma diferença no mundo?

**Cid** – A que eu fui mais útil a sociedade foi como senador – como político. Porque eu levei muito a sério, como vocês viram, eu dei uma amostragem aqui muito rápida. Depois, como advogado, porque como advogado eu evitei muita prisão injusta, libertei muita gente presa indevidamente, eu consegui declarar a inocência de muita gente que era tida como culpada sem ser. Em contrapartida, coloquei muita gente perversa na cadeia, gente que matou sem ver nem pra quê. Muitas vezes liberei mulheres de verdadeiros monstros – porque na família há verdadeiros monstros, é a coisa mais impressionante do mundo! Pois bem, em segundo lugar, eu ponho a Advocacia, pelo bem que eu pude fazer. Agora, o lado da Comunicação está vivo ainda (*nostálgico*). Eu ficava muito orgulhoso da minha audiência

quando uma pessoa ligava: "Olhe, roubaram meu carro, dê aí no seu programa", com cinco minutos o carro estava localizado, já estava lá esperando o dono.

A Comunicação se mistura com a vida política, porque eu consegui que minhas opiniões fossem respeitadas em muitos episódios – episódios importantes, meu pensamento, minha sinceridade. Minha luta também foi muito importante como Comunicador; de um modo geral, eu sempre trabalhei em rádio, jornal e televisão, eu nunca fui só de rádio, muito embora tenha predominado em rádio. Como intelectual, eu sinto que fui muito útil como professor. Se eu chegar ao Tribunal de Justiça, quase todo desembargador foi meu aluno. Se eu chegar diante de um desembargador a saudação dele é: "Professor". Eu estudava muito para dar aulas profundas, tanto em Jornalismo como em Direito. Então, eu espero estar exercendo o final de uma vida muito útil, em que, acima de tudo, eu fui útil. Eu quero a paz correspondente *(risos)*.



Passear por aquela casa de arquitetura antiga, entre aquelas prateleiras de livros antigos foi, certamente, um dos pontos altos do processo de pré-produção.

Quando se referiu às irresponsabilidades do ex-presidente Collor, Cid não quis se aprofundar no assunto, dizendo que seria muito doloroso.